



II Colóquio Latino-Americano sobre Insurgências Decoloniais, Psicologia e os Povos Tradicionais

“Como será o amanhã?”

Perspectivas e horizontes para a América Latina

22 a 25 de junho de 2021

GRUPO NO CAPS-AD COMO DISPOSITIVO DE CUIDADO PARA OS USUÁRIOS

Letícia de Freitas Noronha¹

TABA 6: Damião Ximenes e Dona Ivone Lara – Saúde, sabedoria popular e práticas de cuidado para o bem viver

INTRODUÇÃO

Os Centros de Atenção Psicossocial Álcool e Outras Drogas (CAPS-AD) são instituições locais ou regionais, que integram a Rede de Atenção à Saúde Mental (RAPS) no SUS (Sistema Único de Saúde) e apresentam como objetivos o tratamento e a reabilitação psicossocial de portadores de transtornos mentais decorrentes do uso e abuso de substâncias psicoativas. Desse modo, o serviço promove o cuidado, a autonomia e a reinserção social dos usuários, visto que, contrariando o modelo hospitalocêntrico e segregacionista, os CAPSs não priorizam a doença, mas sim o usuário e seu entorno social (MIELKE et al., 2011).

Nesta perspectiva, é buscado respostas para a seguinte questão: qual é o cuidado em saúde mental ofertado pelo grupo terapêutico no CAPS-AD? É reconhecido por autores que os grupos terapêuticos não possuem a mesma importância no Brasil como em demais países.

Assim, o objetivo deste estudo é refletir sobre a relevância do grupo no CAPS-AD como dispositivo de cuidado para os usuários, por meio de um relato de experiência com um grupo terapêutico coordenado pela psicóloga do serviço.

A justificativa da pesquisa reside nas modificações na configuração dos serviços de saúde mental com a Reforma Psiquiátrica em que os grupos terapêuticos podem ser considerados como uma das principais ferramentas terapêuticas nesse contexto (BASTOS, 2018).

O trabalho está estruturado em tópicos, que estão organizados respectivamente, da seguinte maneira: no percurso metodológico, há a descrição dos materiais e técnicas utilizadas; já nos resultados e discussões, ocorre o relato sobre o cuidado em saúde mental no grupo terapêutico do CAPS-AD correlacionando as teorias associadas; nas considerações finais, destaca-se a aprendizagem, contribuições e impactos da vivência; e, para concluir,

¹ Autora, Faculdade do Vale do Jaguaribe (FVJ), leticia.noronha@fvj.br.

apresenta-se o referencial bibliográfico.

PERCURSO METODOLÓGICO

O estudo é de caráter descritivo com abordagem qualitativa, elaborado a partir de uma experiência na disciplina de Práticas Integrativas II: Intervenções Grupais, do Curso de Psicologia da Faculdade do Vale do Jaguaribe, que ocorreu no CAPS-AD, localizado em uma cidade no interior do Ceará com população aproximada de 60 mil habitantes. O propósito da prática era observar a atividade grupal e, posteriormente, realizar intervenções neste grupo.

Além do mais, o CAPS-AD do município, o qual é regionalizado, é um serviço instalado desde 2008, que tem como finalidade tratar a dependência química, assim como executar intervenções de cunho preventivo em conjunto com a RAPS.

A demanda do CAPS-AD é tida como flutuante em comparação com, por exemplo, a do CAPS II da mesma cidade, tendo em vista que é difícil tanto uma pessoa se reconhecer como um dependente de substâncias psicoativas quanto buscar o serviço diante do estigma e preconceito que, ao mesmo tempo, sofre pelo transtorno mental e pelo uso de substâncias psicoativas, levando em conta que, enquanto questão social, a droga é atravessada pela moralidade, medicalização e criminalidade (FIORE, 2013).

Em relação à coleta de dados, esta aconteceu através das observações participantes realizadas ao longo do mês de setembro até novembro de 2019 com supervisão docente, totalizando em torno de 80 horas. Essas observações bem como as informações foram descritas e detalhadas em um diário de bordo, sendo utilizadas apenas para fins acadêmicos, servindo de base para a sistematização dos achados, exploração e seleção da literatura, análise e interpretação de ambos, conforme o objetivo da pesquisa.

Dessa forma, a análise dos dados seguiu um diálogo entre os achados do território e a literatura publicada na área. Com isso, os critérios para a seleção do referencial teórico foram estudos que trouxessem para a pesquisa uma melhor compreensão acerca da relevância do grupo no CAPS-AD como dispositivo de cuidado para os usuários e que pudessem propiciar uma discussão a partir das vivências no grupo terapêutico do serviço.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O objetivo do grupo conduzido pela psicóloga era buscar o desenvolvimento das potencialidades dos sujeitos, tais como diferentes aspectos, habilidades e competências, com intenção de que possam se reconhecer agentes ativos de suas mudanças, aprendendo a manejar

os problemas de forma mais saudável e superar as dificuldades, sendo corresponsáveis pelo cuidado da sua saúde e obtendo uma maior autonomia sobre a própria vida.

Dessa forma, o grupo terapêutico experienciado era aberto para qualquer pessoa atendida pelo serviço, desde o ex-usuário, usuário de drogas até a família deste, contudo havia resistência para o atendimento grupal, possuindo cerca de dez membros. Além disso, era também um grupo heterogêneo, formado por pessoas com diferentes gêneros, idades e diagnósticos, dentre outras características.

Segundo Zimerman (2000, p. 82), “o ser humano é um ser gregário, e só existe, ou subsiste, em função dos seus inter-relacionamentos grupais”. Assim, ao longo da vida, o indivíduo constrói sua identidade individual e grupal.

[...] um grupo é constituído por um conjunto relativamente pequeno de pessoas, que mantêm contatos face a face, ligadas por algum(ns) objetivo(s) comum(ns) que as leva(m) a interagir e estabelecer relações de reciprocidade. Os grupos também se caracterizam por um movimento contínuo, um equilíbrio estável e temporário, cujo conhecimento é extremamente difícil, por ser impossível apreender toda a riqueza existente no entrecruzamento dos aspectos subjetivos e do conjunto dos participantes em permanente processo de reciprocidade (ANDALÓ, 2006, p. 68).

Pela disponibilidade dos integrantes, os encontros aconteciam quinzenalmente, na quinta-feira, à tarde. O tempo de duração era de duas horas, apresentando uma conotação de grupo mais voltado para a abordagem verbal, devido aos entraves institucionais para o desenvolvimento do grupo por causa da falta de recursos financeiros para a compra de materiais lúdicos, porém a coordenadora atuava com criatividade diante das limitações dessa situação.

As atividades desenvolvidas eram de acordo com determinados temas e questões abordados pela facilitadora, os quais estavam relacionados às demandas dos integrantes, que escutavam as informações bem como os conteúdos e se sentiam à vontade para expressar os pensamentos e as emoções mobilizados pelas temáticas. Com isso, decorriam debates, ocasionando trocas dialógicas de saberes entre os membros e a profissional.

Assim, o grupo proporcionava um espaço terapêutico com oferta de escuta, acolhimento e empatia, em que os membros falavam de angústias, dificuldades e melhorias, havendo ajuda e suporte mútuo, pois enfrentavam conflitos semelhantes.

Na esteira das Reformas Sanitária e Psiquiátrica, a noção de acolhimento tem perpassado a construção de novas estratégias para o cuidado dos cidadãos em circunstâncias de sofrimento e sintomatologia psiquiátrica; trata-se de uma concepção de acolher não no sentido de passividade por parte de quem é acolhido, mas sim de alguém que deve ser respeitado em sua dignidade, autonomia e cidadania (BELLENZANI; COUTINHO; CHAVEIRO, 2009, p. 2).

Nesse sentido, os usuários tinham papel ativo na dinâmica grupal, compartilhavam suas vivências, principalmente sobre o que tinham passado em sua relação com a substância psicoativa, de que modo eles chegaram ao serviço, como estavam atualmente, entre outras questões. Isso propiciava interações positivas e enriquecedoras de experiências, promovendo o cuidado consigo e com os demais assim como fortalecendo o vínculo, tanto com o serviço quanto com os próprios colegas (BASTOS, 2018).

De acordo com Bastos (2018, p. 16-17), “essa situação ajuda os participantes a quebrar barreiras, especialmente pela possibilidade de receberem feedback e sugestões construtivas de outras pessoas que vivenciaram ou vivenciam os mesmos problemas”. Dessa forma, a convivência com um grupo de pessoas de demandas semelhantes oportuniza uma experiência que pode desenvolver um clima de grande valor terapêutico (MUNARI, FUREGATO, 2003).

Neste grupo ocorria uma frequente ausência de usuários que estava, sobretudo, relacionada às recaídas no uso e abuso da droga por conta da abstinência e dos conflitos familiares, condição marcante em todos os integrantes. No entanto, regularmente retornavam, uma vez que o grupo continuava os acolhendo, oferecendo apoio, desse modo a coesão grupal era mantida.

Nesse sentido estes grupos englobam práticas de promoção da saúde, prevenção e tratamento, como também em programas de reabilitação. Assim se fazem como recurso potencializador de vínculo, mobilização e transformação, viabilizando uma construção de cidadania e de interação do indivíduo com a sociedade (ZIMERMAN, 2007 apud BASTOS, 2018, p. 4).

Portanto, o grupo terapêutico é um importante recurso de intervenção em saúde, que viabiliza uma melhora, ao mesmo tempo, individual e coletiva. Além disso, possibilita que as dimensões da saúde do sujeito biopsicossocial e espiritual possam ser compreendidas e trabalhadas, promovendo um convívio mais harmonioso com sua condição de saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os grupos terapêuticos são espaços diferenciados de cuidado, considerados um dos mais relevantes recursos terapêuticos e uma das principais formas de tratamento ofertada para os usuários no CAPS-AD.

Nesse contexto, o grupo terapêutico desenvolve um clima de grande valor terapêutico promovendo o cuidado do usuário tanto consigo quanto com os demais e viabiliza uma melhora, ao mesmo tempo, individual e coletiva, de modo que o sujeito possa conviver mais harmoniosamente com sua condição de saúde.

Logo, o estudo mostrou o lugar de destaque que os grupos possuem dentro do novo paradigma de saúde mental nos serviços, como o CAPS-AD, que valoriza o uso de tecnologias relacionais, como acolhimento, escuta, vínculo, corresponsabilização e autonomia no cuidado em saúde para os usuários.

Esta pesquisa abrangeu apenas as percepções advindas das observações participantes do processo grupal e recomenda-se desenvolver outros estudos com os usuários para o confronto dos resultados de análise.

Palavras-chave: Centro de Atenção Psicossocial. Grupo. Cuidado.

REFERÊNCIAS

ANDALÓ, Carmen. **Mediação grupal**: uma leitura histórico-cultural. 1. ed. São Paulo: Ágora, 2006.

BASTOS, Liz Fontenelle. **Grupos terapêuticos como estratégia de cuidado na atenção básica à saúde**: reflexões a partir de um CAPS AD. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Saúde da Família) – Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família, Fundação Estatal Saúde da Família, Camaçari, 2018. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/37367/2/TCR%20Liz%20Fontenelle%20Bastos.pdf>. Acesso em: 23 de nov. 2019.

BELLENZANI, Renata; COUTINHO, Mayara Karolina Alvarenga Recaldes Gomes; CHAVEIRO, Maylla Monnik Rodrigues de Sousa. As práticas grupais em um CAPS – Centro de Atenção Psicossocial: sua relevância e o risco de iatrogenias. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA SOCIAL, 15., 2009, Maceió. **Anais eletrônicos** [...]. Maceió: ABRAPSO, 2009. Disponível em: http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/322.%20as%20pr%20ticas%20grupais%20em%20um%20caps.pdf. Acesso em: 23 de nov. 2019.

IORE, Maurício. **Uso de drogas**: substâncias, sujeitos e eventos. 2013. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

MIELKE, Fernanda Barreto et al. Características do cuidado em saúde mental em um CAPS na perspectiva dos profissionais. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 9, n. 2, p. 265-276, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=406757000006>. Acesso em: 23 de nov. 2019.

MUNARI, Denize Bouttelet; FUREGATO, Antonia Regina Ferreira. **Enfermagem e grupos**. 2. ed. Goiânia: AB, 2003.

ZIMERMAN, David Epelbaum. **Fundamentos básicos das grupoterapias**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.